

BID: investidores estão equivocados sobre o Brasil

Segundo presidente do banco, mercados estão reagindo de modo irracional em relação à demora para aprovar as reformas

Arquivo

• WASHINGTON, BRASÍLIA e PARIS. O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, disse ontem que os mercados estão equivocados sobre o Brasil por não conseguirem avaliar os esforços do país para sanear suas finanças.

— É surpreendente que não se perceba o imenso esforço que o Brasil está fazendo — disse.

Segundo ele, os investidores internacionais estão reagindo “irracionalmente” em relação à demora para aprovar as reformas fiscais. Iglesias destacou o compromisso do presidente Fernando Henrique Cardoso com o programa de reformas e a aprovação de quatro medidas do ajuste fiscal, na quarta-feira, pelo Congresso.

— Tanto o Governo quanto o Congresso estão cumprindo o programa — afirmou.

O presidente do Banco Central alemão, Hans Tietmeyer também fez declarações positivas sobre o Brasil:

— Acho que a situação interna (do Brasil) é melhor do que algumas pessoas pensam.

FH conversa com Stanley Fischer e viaja para MG

Dentro da estratégia de acalmar os investidores internacionais sobre os rumos da economia brasileira, o presidente Fernando Henrique conversou à tarde com o vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer. Apesar do nervosismo nas bolsas, Fernando Henrique procurou demonstrar otimismo em relação ao futuro do país, dizendo a Fischer que o ajuste fiscal é viável e que os fundamentos da economia estão sob controle, referindo-se nesse caso à política cambial do Governo.

Segundo o porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral, o presi-



ENRIQUE IGLESIAS: “É surpreendente que não se perceba o imenso esforço que o Brasil está fazendo. O Governo e o Congresso estão cumprindo o programa”

dente disse ainda que os fatos mostraram que não se justifica o nervosismo do mercado.

O presidente apresentou a Fischer sua visão do processo, dizendo que as coisas são viáveis, que o Congresso está apoiando e que, portanto, os fundamentos da economia estão sob controle.

Os países-membros do G-7 (grupo dos sete países mais in-

dustrializados do mundo) também expressaram ontem seu apoio ao Brasil e às reformas econômicas empreendidas pelo Governo do presidente Fernando Henrique e procuraram minimizar os riscos da crise atual para o sistema financeiro internacional.

Eles não falaram, porém, em tomar medidas para ajudar o país. — Não há nenhuma decisão no-

va do G-7 — disse o ministro da Economia francês, Dominique Strauss-Kahn, acrescentando que os países do grupo estão mantendo contatos permanentemente para discutir a situação econômica do Brasil.

Domonique Strauss-Kahn afirmou que os problemas que levaram à desvalorização do real não se comparam aos que levaram às

crises da Ásia e da Rússia.

— A situação do Brasil não é boa, mas não acredito que estamos enfrentando algo semelhante ao que vimos na Ásia ou na Rússia em agosto. Confio na capacidade do Brasil para sair das dificuldades — declarou.

Seu colega italiano, o ministro Carlo Azeglio Ciampi, disse que a comunidade internacional “não

pode nem deve fazer nada” após a concessão da ajuda de US\$ 41,5 bilhões orquestrada pelo FMI.

— As autoridades brasileiras sabem que contam com o apoio das organizações internacionais, que estavam a seu lado em outubro — disse Ciampi.

Líderes pedem reforma do sistema financeiro mundial

Para o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, a crise brasileira mostra a necessidade de reformar o sistema financeiro internacional e aumentar a transparência e a cooperação entre as autoridades reguladoras:

— Os tempos são difíceis para a economia global e para alguns países emergentes, como vimos ontem (anteontem) no Brasil.

O chanceler alemão, Gerhard Schroeder, também afirmou que é preciso rediscutir a arquitetura financeira internacional. Sem mencionar a crise brasileira, Schroeder disse que o princípio do *laissez-faire* (não-intervenção) nos mercados financeiros internacionais está ultrapassado e que é hora de debater a fixação de bandas de flutuação de divisas.

Em Washington, o subsecretário do Tesouro, Lawrence Summers, cancelou uma viagem que faria à Ásia na semana por causa das turbulências financeiras provocadas pela desvalorização da moeda brasileira.

O presidente da Comissão de Orçamento da Câmara dos Deputados dos EUA, Bill Archer, afirmou ontem, em Brasília, que está confiante que o Brasil vai manter os compromissos assumidos com o FMI. Archer tinha reuniões agendadas com os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Desenvolvimento, Celso Lafer, e que a embaixada americana fez questão de desvincular da crise. ■